

# Alfabetização Natural

Gilda Rizzo<sup>1</sup>

## Como nasceu o método de Alfabetização Natural?

Esta metodologia é fruto de uma produção coletiva, criada a partir dos resultados de pesquisas sobre a linguagem e o vocabulário da criança brasileira e realizada sob a coordenação da Profa. Heloísa Marinho, assessora do Prof. Lourenço Filho, responsável pela pesquisa, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro e INEP, na época, Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas. Ao longo dos anos que este trabalho durou, pois a pesquisa foi refeita e publicada duas vezes num intervalo de 10 anos, sobre um trabalho contínuo, que permaneceu sendo base do curso de formação de professores pré-escolares, algumas de suas alunas, professoras, que participavam da pesquisa, sendo *alfabetizadoras* em suas classes de primeira série ou *observadoras atentas* das naturais experiências de pré-leitura que se processavam no currículo dos Jardins de Infância, quase, inevitavelmente, passaram a direcionar seu trabalho apoiadas na teoria sobre desenvolvimento da linguagem e pensamento e construção da leitura e escrita produzida pela referida pesquisa. A Profa. Heloísa Marinho e seu grupo de alunas professoras dominavam este conhecimento e mesmo sem terem o objetivo de criar um método de alfabetização para substituir aqueles existentes e super estudados, durante as observações e coleta de material para a pesquisa que abrangia a linguagem da criança até oito anos inclusive, ele foi sendo elaborado, espontaneamente, por suas alunas, ao longo dos anos. Um recurso era criado aqui, por uma aluna, outro ali, por outra, a fim de se evitarem determinados desvios na aprendizagem natural da leitura, apesar, diga-se de passagem, da professora Heloísa ter sempre relutado muito em permitir essa transformação do objetivo da pesquisa.

Coube a mim, por sorte ou empenho meu, estudo e dedicação, ou mesmo necessidade, dar um fechamento a todos os resultados e princípios gerados pela teoria de alfabetização, criar uma metodologia, com princípio, meio e fim, a fim de tornar público todo conhecimento construído e poder facilitar a criança brasileira, através de suas professoras, com esse saber. Como resultado de meu trabalho na pesquisa percebi que, independente do método adotado, os alunos só concretizavam a leitura quando aplicavam o conhecimento dos sons das letras, estudados por via método fonético, silábico ou global, a um vocabulário previamente memorizado, de tamanho em torno de trinta e cinco palavras. A partir deste princípio, criei um

<sup>1</sup> Pedagoga pós-graduada em Estimulação do Desenvolvimento/UFRJ;  
Especialista em Educação Infantil e Alfabetização;  
Autora de várias obras na área de Educação Infantil e Alfabetização;  
Orientadora Pedagógica da Secretaria de Educação-RJ por 17 anos e  
Assistente da Profa. Heloísa Marinho no curso de Pedagogia Especial/IERJ.  
E-mail: gildarizzo@alternex.com.br

método de estimulação do potencial que acredito ser inato no ser humano, para construir os esquemas intelectuais adequados à leitura. Abandonei as diferentes abordagens e todos os artifícios utilizados pelos métodos sintéticos e escolhi um caminho que estimulasse a seqüência de eventos naturais do processo de construção dos esquemas de leitura. Essa metodologia criada por mim foi experimentada por no mínimo cinco anos, até ser publicada pela primeira vez, em 1985, pela editora Francisco Alves, e foi concebida para a alfabetização do aluno ouvinte. Minhas convicções pedagógicas são pela inclusão de qualquer criança nas classes comuns, independente de suas limitações individuais e tive oportunidade de receber e alfabetizar crianças surdas, com algum resíduo auditivo, dentro de turma “normal” de vinte e cinco alunos, da escola pública, ressaltando-se que todos os alunos tiveram o indispensável apoio do ensino especial.

Faço todas estas considerações antes de apresentar a metodologia da *Alfabetização Natural* para justificar as adaptações que deverão ser introduzidas, pois considero desaconselhável ou até totalmente equivocada qualquer tipo de estratégia metodológica, apoiada na língua oral, como fora originalmente concebida, para alunos surdos que não podem ouvir ou que não tenham língua oral. Ainda, para finalizar esta introdução, minha experiência me permite acreditar e defender, com veemência, dois conceitos básicos para a organização e montagem de um ambiente favorável à aprendizagem da leitura que também deverão ser considerados para o aluno surdo, ressaltando aqui que este, além de suas dificuldades relativas ao desconhecimento quase total da língua oral, ainda tem que se adaptar a ou, mesmo, construir dois sistemas de linguagem: LIBRAS e o alfabético simultaneamente: – o primeiro diz respeito à importância e efeito da **estimulação da vida social** do grupo e o segundo à ênfase que se deve dar ao **significado das palavras** abordadas pela metodologia e **que servirão de base para construção de um sistema de aprendizagem de leitura e de escrita, fundamentados no pensamento** e, portanto, nas experiências e conhecimento do mundo pelo aluno surdo.

*Qualquer que seja o tipo de linguagem, ela traduz pensamento e não o vazio de conteúdo, como são os sinais e as letras isolados do contexto, e expressa a necessidade de comunicação entre pessoas dentro de um grupo, seus anseios, aspirações, ansiedades, suas idéias e sentimentos. Qualquer que seja a língua empregada ela será sempre, na sua essência, uma troca de idéias.* Não há comunicação sem conteúdo. Linguagem só se aprende e se desenvolve pela comunicação de pensamento entre pessoas. Esse processo, portanto, não pode se limitar a ser um simples processo mecânico de memorização de sinais e letras.

## O processo de Alfabetização Natural

A **Alfabetização Natural**, aqui defendida, é uma metodologia de estimulação que leva ao domínio da leitura e da escrita a partir das e sobre as motivações naturais e do potencial e linguagem do aluno, sem empregar qualquer artificialismo pedagógico. É o aluno quem escolhe o vocabulário, que imprime e dá significado a todo o processo. Também são da escolha do aluno as atividades a realizar. Ele é sempre agente e paciente de sua aprendizagem. A Alfabetização Natural é um processo de construção dos esquemas de leitura e de escrita, que hoje deve ser

classificado entre os processos construtivistas. Como o processo de alfabetização do surdo não pode estar plenamente apoiado numa linguagem que não domina, como a da língua oral, será necessário fazê-lo a partir do *significado* visual e de todas as *referências perceptivas do objeto* cujo nome esteja sendo aprendido. Sendo assim a alfabetização *natural* do surdo deverá se dar a partir de suas motivações naturais, do potencial intelectual, motor e acústico e de sua predisposição, impulso e empenho em comunicar-se socialmente, sendo tudo isso realizado junto à aprendizagem simultânea da LIBRAS.

**Numa primeira fase**, as palavras deverão ser escolhidas, por votação, se a alfabetização for realizada em grupo: substantivos concretos e as ações sempre conjugadas no tempo presente do indicativo, para serem inteiramente ligadas à vivência da turma. Com esse vocabulário, que cresce dia-a-dia, frases e pequenos textos deverão ser formados, permitindo que o aluno leia ou componha, também incorporando, paralelamente, os valores das regras gramaticais básicas, como a letra maiúscula e o ponto final. O conteúdo dos textos deverá ser sempre reflexo da vida em sala, no grupo, e expressar a linguagem existente dentro desse grupo, seja ela de que natureza for. É essencial que a alfabetização esteja apoiada e reflita a *vida* do grupo envolvido no processo. O ensino da escrita poderá ser ou não concomitante, dependendo da idade dos alunos envolvidos, deverá estar centrado, exclusivamente, no ensino dos movimentos da escrita, ou fontes com formato de letra que favoreça tanto a leitura da letra de imprensa, quanto a passagem, mais tarde, para a forma cursiva a ser utilizada pelo aluno quando sua escrita já exigir velocidade para seus apontamentos escritos. Enquanto isso não acontecer, é importante apenas que sua letra seja legível e que este formato lhe permita ler material impresso nos livros de história, na mídia, na imprensa em geral, no computador e em qualquer material escrito que lhe passe pelas mãos. É preciso prevalecer a funcionalidade da leitura e o nível de escrita alcançados pelo aluno, criança ou adulto, ouvinte ou surdo. Precisa ser de utilidade para o alfabetizando, ser uma experiência gratificante, que reforce sua auto-estima e seu empenho em continuar a aprender.

**Numa segunda fase**, quando o aluno ouvinte demonstra ser capaz de ler, com compreensão, textos de no mínimo três linhas, com o referido vocabulário memorizado, demonstrando reconhecer prontamente mais de 35 palavras, introduzem-se estímulos à análise fonética estrutural, sem romper o todo “auditivo” e visual da palavra: a “**preguicinha**”. Esse processo leva o aluno à descoberta do valor sonoro de cada letra ou grupo de letras e todas as suas variações dentro e a partir das palavras conhecidas, a partir da percepção do ponto de articulação de cada fonema. Outros recursos de estimulação da análise comparativa, também conhecida entre os estudiosos da língua como paradigmática, complementam a preguicinha: a “**caçada**”. Estes recursos, depois de introduzidos, estimulam o aluno a perceber analogias entre os valores de articulação e sonoros das letras, em diferentes palavras e, com o emprego destas descobertas, ele forma novas palavras. Assim, se constroem no aluno os esquemas intelectuais e lingüísticos que lhe permitem ler e escrever. A descoberta da leitura, portanto, acontece de uma forma natural, significativa e envolvente. Com o aluno surdo, a leitura lenta da preguicinha visará reforçar a relação entre a letra e o ponto de articulação que a mesma produz aproveitando,

contudo, todo residual auditivo que o aluno possuir como apoio para o conhecimento. A análise paradigmática estimulará e reforçará a percepção dessas analogias até que o aluno se aproprie desse conhecimento e possa transferi-lo e aplicá-lo a outras situações e com isso possibilite a leitura real de novas palavras não memorizadas.

Os recursos empregados em todo o processo apresentam características marcantes de funcionalidade e significado (quando se escreve, deve existir um motivo para isso ou uma idéia a ser registrada), associadas ao lúdico dos jogos e a propostas criadoras. As ciências, os jogos e as artes plásticas, cênicas, musicais ou de danças são integrantes de todo o processo, exatamente, em observância aos parâmetros propostos no Referencial da Educação Infantil/MEC-98<sup>2</sup>. O trabalho com o aluno surdo só teria a ganhar em enriquecimento de conteúdo nas diferentes áreas determinadas pelas Diretrizes e Parâmetros da Educação Infantil Nacional: 1-conhecimento do mundo; 2-artes visuais; 3-língua oral; 4-língua escrita; 5-matemática; 6-música e, eu acrescentaria, 7-educação física.

**Na fase final**, a dinâmica do trabalho propicia o desenvolvimento rápido e a autonomia na leitura e na escrita, através da redescoberta das regras gramaticais básicas da nossa língua. Nessa fase ocorre a introdução do primeiro livro de leitura: o Bibia quer Tangerica e respectivo caderno de atividades de interpretação e gramática, dentro da linha construtivista. Não haveria um senão para o aluno surdo, pois os textos são absolutamente adequados e do interesse infantil e, absolutamente compatíveis com o nível de competência de qualquer indivíduo recentemente alfabetizado.

### Referências Bibliográficas

- ARIÈRE, Felipe. *História Social da Criança e da Família*; Ed.Guanabara; Rio de Janeiro; RJ; 1989.
- DIDONET, Vidal. *A Pré-escola como Escola*; OMEP; Brasília; 1980.
- FREINET, Élise. *A Livre Expressão na Pedagogia de Célestin Freinet*; Francisco Alves; Rio de Janeiro; 1979.
- FREIRE, Paulo. *A Educação como Prática da Liberdade*; Paz e Terra; Rio de Janeiro; 19ª edição; 1989.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente, a Teoria das Inteligências Múltiplas*; Editora Artes Médicas; Porto Alegre; 1994.
- MARINHO, Heloísa. *Estimulação Essencial*; SPB-CENESP-MEC; Rio de Janeiro; 1978.
- MARQUES, Juracy C. *Ajudando a Criança a Crescer*; Editora Globo; Porto Alegre; 1977.
- MEC/SEF/COEDI – *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*, 1998.

<sup>2</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil-Parecer: CEB Nº022/98 / Câmara de Educação Básica do Conselho de Educação de Brasília-DF

- MEC/SEF/COEDI – Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental, Coordenação de Educação Infantil – *Propostas Pedagógicas e Currículo em Educação Infantil*, Brasília, 1994.
- PIAGET, Jean. *A Formação do Símbolo na Criança*; Zahar Editores; Rio de Janeiro; 1971.
- RIZZO, Gilda. *Alfabetização Natural*; Editora Bertrand Brasil; Rio de Janeiro; RJ; 3ª edição; 2001.
- \_\_\_\_\_ *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil*; SEFF; Brasília; 1998.
- SOARES, M. Aparecida Leite. *A Escolarização da Criança Surda e o Professor especializado*; INES; Fórum; Rio de Janeiro, 2003.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A Criança na Fase Inicial da Escrita*; Editora Cortez; São Paulo; 6ª edição; 1993.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*; Martins Fontes; São Paulo; 5ª edição; 1995.